

## **CONSIDERAÇÕES ACERCA DO VOCÁBULO *FODA* EM USOS CONTEMPORÂNEOS**

**CONSIDERATIONS ABOUT THE WORD *FODA* IN CONTEMPORARY USES**

Rosangela Jovino Alves | [Lattes](#) | [rosangela.alves@ifpr.edu.br](mailto:rosangela.alves@ifpr.edu.br)

Instituto Federal do Paraná

Mateus Fornazieri Gonçalves Ferreira | [Lattes](#) | [mateusfornazieri@gmail.com](mailto:mateusfornazieri@gmail.com)

Instituto Federal do Paraná

Pedro Henrique Silva Antônio | [Lattes](#) | [pedrohenrique.antonio@hotmail.com](mailto:pedrohenrique.antonio@hotmail.com)

Instituto Federal do Paraná

**Resumo:** As palavras consideradas ‘palavrões’ ocupam, ainda hoje, um valor de tabu linguístico, ou seja, são, de alguma forma, proibidas nos usos linguísticos. O enquadramento dessas palavras como tabus deve-se ao fato de que, tradicionalmente, seu valor semântico é pejorativo, indicando ofensas gerais, órgãos sexuais ou o próprio ato sexual. A partir dessa premissa, este trabalho tem por objetivo apresentar os resultados preliminares de um estudo desenvolvido sobre os palavrões na contemporaneidade, mais especificamente as investigações sobre o vocábulo *foda*, com o intuito de investigar se, apesar de surgir com denominação relacionada à relação sexual, essa palavra ainda mantém sua acepção de tabu ou tem assumido novos valores semânticos e novas funcionalidades linguísticas na atualidade. Para investigação desse elemento, foram selecionados comentários *on-line*, escritos, feitos em canais do YouTube cuja temática aborda jogos *on-line* comumente jogados por adolescentes. Para análise do *corpus* desta pesquisa, são utilizados os preceitos teóricos do Funcionalismo, uma corrente de estudos linguísticos que investiga os elementos linguísticos a partir de seus usos em contextos reais de comunicação, buscando compreendê-los e descrevê-los. Neste trabalho, utilizaremos, especificamente, os preceitos propostos pela perspectiva multissistêmica da língua, proposta por Castilho (2006, 2007, 2010).

**Palavras-chave:** Funcionalismo. Palavrões. Linguística.

**Abstract:** Words considered 'bad words' still occupy a linguistic taboo value, that is, they are, somehow, prohibited in linguistic use. The framing of these words as taboos is due to the fact that, traditionally, their semantic value is pejorative, indicating general offenses, sexual organs or the sexual act itself. From this premise, this paper aims to present the preliminary results of a study developed on profanity in contemporary times, more specifically the investigations on the word *foda*, in order to investigate whether, despite appearing with denomination related to the sexual relationship, this word still retains its meaning of taboo or has taken on new semantic values and new linguistic features today. To investigate this element, we selected online comments written on YouTube channels that focus on online games commonly played by teenagers. For the analysis of the corpus of this research, the theoretical precepts of Functionalism are used, focusing on linguistic studies that investigate linguistic elements from their use in real contexts of communication, thus trying to understand and describe them. In this work, we will follow, specifically, the precepts proposed by the multisystemic perspective of language, proposed by Castilho (2006, 2007, 2010).

**Keywords:** Functionalism. Bad Words. Linguistics.

## Introdução

Neste artigo, a partir da perspectiva funcionalista que considera a língua como um conjunto de multissistemas, buscamos explicar as funcionalidades do vocábulo *foda* em usos contemporâneos. Nossa intuito é verificar se houve mudanças nos valores gramaticais, especialmente os morfológicos e sintáticos, e nos valores semânticos. Para compreender essas funções, partimos do que se considera como *palavrão*, apresentamos os principais pontos sobre a teoria funcionalista e, posteriormente, analisamos os usos de *foda* em comentários retirados de vídeos sobre jogos on-line, disponíveis nos canais Yoda SL, Tecnosh e Netenho Cavalcante.

Investigar essa palavra, ainda entendida como um tabu apesar de seu amplo uso, nos levará a aprender mais sobre suas novas funcionalidades, demonstrando se há mudança entre seu sentido sexual e os valores caracterizados nos usos contemporâneos.

## O que são tabus?

Tratar de tabus linguísticos, como é o caso da palavra *foda*, significa abordar o proibido, pois carrega o peso de ser um tabu na sociedade, ou seja, é algo que não pode ser

dito, abordado. Segundo Freud (2013), em seu livro sobre o *Totem e o Tabu*<sup>1</sup>, a palavra tabu é de origem polinésia, tem tradução complicada e um antônimo adequado para ela é a palavra *noa*, que significa o que é habitual e acessível a todos. Sendo assim, dois tipos de tabus são identificados pelo autor: um significado relacionado ao que é santo, sagrado; e outro relacionado ao que é impuro, proibido, perigoso. Esses tabus ainda se subdividem por seu caráter temporal, sendo permanentes ou temporários, isto é, temas como pessoas mortas e tudo a elas relacionado são exemplos de tabus permanentes; outros temas, como a menstruação e o parto, por exemplo, são considerados temporários.

Apesar de a obra de Freud datar do início do século passado, ela trata de um assunto que ainda é recorrente na sociedade contemporânea, pois os tabus permanecem. Sobre a origem desses tabus, Freud trata da indefinição de uma fonte ou instituição responsável pela existência da proibição. Segundo o autor, “as proibições do tabu prescindem de qualquer fundamentação; têm origem desconhecida; para nós obscuras, parecem evidentes para aqueles sob o seu domínio” (FREUD, 2013, p. 12). Após surgirem os tabus, as pessoas passam a cumprir o sentido de restrição trazido por eles, sem saber de onde surgiram, por que há a restrição e, até mesmo, não refletem sobre a punição sofrida/ou que se sofreria pela transgressão de se abordar um tabu. Esse caráter restritivo passa de geração para geração e segue limitando a abordagem social dos temas considerados tabus sem que haja uma consciência sobre eles, ou seja, as pessoas cumprem as restrições dos tabus baseadas, apenas, pelo caráter cultural. Assim, os tabus atravessam gerações, sem reflexão, sem que se pense sobre a viabilidade de sua existência.

Segundo Freud, sobre esse caráter vitalício dos tabus na sociedade,

Os tabus seriam proibições antiquíssimas, impostas uma vez a uma geração de homens primitivos, ou seja, neles inculcadas violentamente pela geração anterior. Tais proibições recaíram sobre atividades para as quais havia um forte pendor. Elas então foram mantidas de geração em geração, talvez simplesmente devido à tradição, levada pela autoridade dos pais e da sociedade. Mas talvez já tenham se “organizado”, dentro das organizações posteriores, como parte do patrimônio psíquico herdado. Quem pode decidir, no caso em questão, quanto à existência ou não de tais “ideias inatas”, e se elas determinaram a fixação do tabu, sozinhas ou juntamente com a educação? Mas uma coisa certamente resultou da permanência do tabu: o desejo original de fazer o proibido continua a existir nos povos em que há o tabu. (FREUD, 2013, p. 19).

<sup>1</sup> A versão utilizada neste trabalho é uma edição traduzida da obra de 1912-1913, feita por Paulo Cézar de Souza e publicada pela Companhia das Letras em 2013.

No âmbito linguístico, em um trabalho pioneiro, Guérios (1956, p. 13) abordou 11 tipos de tabus linguísticos:

- 1.º) tabus em nomes de pessoas; 2.º) tabus em nomes de parentes;
- 3.º) tabus em nomes de autoridades; 4.º) tabus em nomes religiosos (teônimos, hierônimos, etc.); 5.º) tabus em nomes de mortos; 6.º) tabus em nomes de animais; 7.º) tabus em nomes dos membros do corpo humano; 8.º) tabus em nomes de lugares e circunstanciais; 9.º) tabus em nomes de doenças e defeitos físicos); 10.º) tabus em nomes de alimentos; e 11.º) tabus em nomes vários.

Para a autora, um tabu linguístico é parte de um tabu geral, uma extensão, pois, se algo é socialmente interditado (uma pessoa, ato ou coisa), o nome ou a palavra que a ele se refere também sofrerá interdição. Para entender o que seja um tabu linguístico, Guérios (1956) afirma que há duas definições: a própria e a imprópria. Na definição própria, que está relacionada à crença, o tabu linguístico constitui-se de palavras que não podem ser ditas, pois, em função de seu poder sobrenatural, podem atrair infelicidade e desgraça. Por outro lado, na definição imprópria, que está relacionada ao âmbito social, moral e de sentimento, o tabu linguístico diz respeito à proibição de se dizer qualquer expressão que seja imoral ou seja grosseira. A autora também ressalta que em sua obra foi dada uma atenção maior aos tabus supersticiosos, por ela denominados verdadeiros, que aos tabus morais.

Em nosso trabalho, o objeto de análise, *palavrão foda*, enquadra-se nos tabus morais relacionados ao sexo, por isso é necessário tecer considerações a esse respeito a fim de compreender o porquê de haver uma proibição moral em relação a seus usos. Essas considerações estão no tópico a seguir.

## **Sexo e tabu**

Segundo Bechara (2009, p. 418), *foda* é assim classificado: “*sf. Tabu. 1* Relação sexual, cópula. *2 Fig.* Coisa que exige muito esforço, sacrifício ou é difícil de suportar ou resolver. *Esse vestibular foi foda.*”. A partir dessa definição de *foda* como um *tabu*, é importante entender a relação entre o sexo e os tabus.

Ao abordar o tabu do corpo, Rodrigues (1975) destaca a importância do que é cultural na relação com o individual. Desse modo, o corpo, que é individual, fica suscetível ao nojo, sendo o homem o único dos animais que se sente horrorizado diante de suas secreções, do vômito e do sangue, por exemplo. Esses são elementos naturais, individuais do corpo, mas que são atingidos por um caráter regulador que é social.

Em relação ao corpo e ao sexo, especialmente no que diz respeito ao ato sexual, Rodrigues (1979) destaca a ação de muitas religiões orientais que construíram uma ideia de que o ato sexual é impuro, desonroso e vergonhoso, “devendo ser realizado na obscuridade da noite, em solidão, a portas fechadas e furtivamente, devendo visar apenas à procriação - mas, mesmo assim, intrinsecamente pecaminoso” (p. 72). Isso fez que essa ideia se propagasse e as relações sexuais fossem proibidas em diversos momentos da história, tanto na América quanto na Europa, antes de datas como o Natal, a Páscoa, em certas fases da lua etc. Esse conceito de proibição também mantém relação com o que se considera decente ou indecente na sociedade.

Nesse sentido, da mesma forma que o corpo é individual e natural, mas vivencia as restrições do social, também ocorre com o sexo, pois, apesar de ser natural, há leis culturais que tentam norteá-lo, restringi-lo. Essa restrição transforma esse tema em tabu, o que faz palavras relacionadas a ele só poderem ser abordadas cientificamente e de forma intelectual, ficando outros usos enquadrados em termos chulos e/ou inadequados.

De acordo com Augras (1989, p. 41), em todos os grupos sociais e culturais, existem partes do corpo que não podem nem mesmo ser nomeadas, como os órgãos sexuais, “que são designados, ou por jargão médico-científico, ou por palavrões. É que os órgãos sexuais servem para lidar diretamente com o outro, estabelecendo a ligação entre opostos e, por conseguinte, têm de ser objeto de tabus, como tudo aquilo que fomenta um duplo domínio”.

No que diz respeito ao que seja considerado *palavrão*, pode-se descrevê-los como palavras de valor obsceno ou ofensivo. Nesse sentido, não surpreende que a maioria dos palavrões de nossa língua esteja relacionada à função sexual ou excretórias. Para entender a relação sexo/corpo/social, Rodrigues (1979) aborda o caráter social do corpo e a relação com o belo na sociedade. Explicando que

Tendemos a identificar a Cultura com o belo e consideramos a Estética, e tudo o que com ela se relaciona, entre as mais elevadas manifestações culturais; analogamente, os gestos transgressores são gestos “feios”, os palavrões são “nomes feios” e um homem ou uma mulher são em geral julgados bonitos na medida em que suas formas se afastam da animalidade. (RODRIGUES, 1979, p. 162) (grifo nosso).

Dessa forma, entende-se que os palavrões representam uma prática linguística inadequada aos padrões sociais do que seja belo. Sendo assim, a palavra *foda*, por fazer referência ao ato sexual, enquadraria-se como um *palavrão*. Apesar disso, ainda continua ocor-

rendo em usos contemporâneos da língua portuguesa. Isso se explica, pois essa palavra, assim como outros palavrões, serve para expressar raiva, dor intensa, chateação, desprezo, ou apenas como uma forma de controle emocional, de modo a extravasar sentimentos. Dessa maneira, conforme afirma Souto Maior (2010, p. 13), em seu dicionário de palavrões: “O mundo inteiro diz palavrão: homens, mulheres, velhos, moços, crianças, ricos, pobres, em russo, em chinês, em croata, em todos os idiomas”.

A partir dessas considerações sobre os palavrões e do enquadramento da palavra *foda* entre eles, este trabalho busca verificar se esse vocábulo, em usos contemporâneos, ainda mantém sua relação semântica ao ato sexual e sua função gramatical de substantivo. Para isso, utiliza-se o aparato teórico proposto pelo Funcionalismo Linguístico. Dessa forma, no próximo tópico, apresentamos considerações gerais sobre essa corrente linguística e também considerações propostas por Castilho (2010) sobre a concepção multissistêmica da língua.

## O Funcionalismo

O Funcionalismo em linguística é caracterizado como um conjunto de estudos cujo objetivo é investigar os elementos linguísticos a partir de situações reais de uso. Nessa abordagem, esses usos são compreendidos a partir de um contexto de interação social, por isso a situação comunicativa e os elementos nela envolvidos são sempre considerados para se compreender os aspectos linguísticos nela constituídos. Segundo Furtado da Cunha (2012, p. 158),

na análise de cunho funcionalista, os enunciados e os textos são relacionados às funções que eles desempenham na comunicação interpessoal. Ou seja, o funcionalismo procura essencialmente trabalhar com dados reais de fala ou escrita retirados de contextos efetivos de comunicação, evitando lidar com frases inventadas ou dissociadas de sua função no ato de comunicação.

As correntes de estudo sob o rótulo funcionalista desenvolvem pesquisas em diferentes países, mas, segundo Neves (2004), a caracterização do que seja Funcionalismo é difícil, pois seus estudos mais conhecidos estão, geralmente, ligados aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, e não às características da corrente. Do mesmo modo, Castilho (2010) entende essa heterogeneidade, mas destaca, também, o que é comum às teorias funcionalistas. Segundo o autor, o Funcionalismo “reúne um conjunto de subteorias que coincidem na postulação de que a língua tem funções cognitivas e sociais que

desempenham um papel central na determinação das estruturas e dos sistemas que organizam a gramática de uma língua” (p. 21).

Nesse sentido, no Funcionalismo, entende-se que a gramática de uma língua, apesar de constituir-se de estruturas sistematizadas, também é maleável diante das necessidades comunicativas dos falantes. Sendo assim, o uso cristaliza construções gramaticais, mas também pode modificá-las de acordo com a situação comunicativa. As correntes de estudos funcionalistas, apesar de entenderem as pressões de fatores externos na constituição do sistema linguístico, divergem entre si na compreensão do grau dessa influência, podendo, assim, segundo Nichols (1984), serem enquadradas em três tipos de Funcionalismo: - *conservador*, apenas reconhece a inadequação do Formalismo ou Estruturalismo sem propor uma nova análise da estrutura; - *moderado*, não apenas reconhece a inadequação dos pressupostos formalistas, mas também propõe uma análise funcional da estrutura; - *extremado*, nega restrições sintáticas ao negar a realidade da estrutura como estrutura, considerando que as regras se baseiam internamente na função.

Independente da abordagem assumida diante da consideração da relação entre as pressões externas e o sistema linguístico, as mudanças sofridas pelos elementos linguísticos têm amplo cenário nos estudos funcionalistas. Contemporaneamente, para estudo dessas mudanças, dentre outros princípios de uma abordagem funcionalista, destaca-se a gramaticalização, a qual é considerada um processo de mudança, unidirecional, no qual itens lexicais assumem funções gramaticais, e itens gramaticais assumem outras funções gramaticais.

A gramaticalização pode ser abordada de uma perspectiva sincrônica ou diacrônica. Segundo os autores Hopper e Traugott (1993), na abordagem diacrônica, a gramaticalização é vista de uma perspectiva histórica; na abordagem sincrônica, por outro lado, considera-se a gramaticalização especialmente como um fenômeno sintático ou discursivo-pragmático. Atualmente, para evitar a dualidade sincronia x diacronia, muitos estudos têm assumido uma perspectiva pancrônica, na qual a gramaticalização é entendida como um processo diacrônico que se desenvolve em um *continuum* sincrônico.

Para Brinton e Traugott (2005), além de poder ser abordada de uma perspectiva diacrônica, sincrônica ou pancrônica, a gramaticalização apresenta como traços característicos: a gradualidade, a unidirecionalidade, a fusão, a coalescência, a desmotivação, a metáfora, a metonímia, o desbotamento, a subjetivação, a produtividade, a frequência, e a generalização tipológica. Dentre essas características, a unidirecionalidade é a entendida como a principal, mas não é consenso entre autores funcionalistas.

Para Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007, p. 41), a unidirecional-

lidade é o único princípio que pode ser atribuído à gramaticalização e, em uma compreensão metafórica, pode ser entendido como “o bisturi que recorta um tipo específico de mudança, a que promove o rebaixamento de categoria de um elemento, rumo a uma estrutura mais gramatical, e nunca o contrário”. Isto é, considera-se que os elementos saem do léxico para entrar na gramática, mas o inverso não ocorre.

Apesar de ser muito utilizada em estudos funcionalistas, essa compreensão da gramaticalização em uma perspectiva unidirecional é questionada por autores que entendem a língua como um multissistema. Nessa outra concepção, a gramaticalização é entendida como um dentre outros processos de mudanças linguísticas que ocorrem no interior dos sistemas linguísticos. As considerações acerca da abordagem multissistêmica estão a seguir.

### **A perspectiva multissistêmica**

Nessa perspectiva, a língua é compreendida como um multissistema no qual seus sistemas (Léxico, Semântica, Discurso e Gramática) estão interligados, porém sem primazia de um em relação ao outro. Do mesmo modo, os processos de mudança linguística são múltiplos e podem ocorrer no interior dos seus respectivos sistemas, sendo eles: a gramaticalização, a lexicalização, a semanticização e a discursivização.

| SISTEMA   | PROCESSO         |
|-----------|------------------|
| Léxico    | Lexicalização    |
| Semântica | Semantização     |
| Discurso  | Discursivização  |
| Gramática | Gramaticalização |

**Quadro 1:** Sistemas linguísticos e processos a eles vinculados, segundo Castilho (2010a).

Dentre os sistemas linguísticos, interessam a este trabalho o sistema linguístico da Gramática e o sistema linguístico da Semântica. No que diz respeito ao sistema linguístico da Gramática, ele subdivide-se nos subsistemas Fonológico, Morfológico e Sintático, nos quais também podem haver processos de mudanças, denominados: Fonologização, Morfologização e Sintaticização. As alterações que ocorrem nos sistemas linguísticos não ocorrem linearmente, pelo contrário, elas ocorrem de forma multilinear ou multidirecional, simultaneamente. Essas alterações multilineares contrariam o proposto por teorias que entendem a gramaticalização como um processo unidirecional. Conforme explica Castilho (2007, p. 82-83),

A *gramaticalização* cinde-se em três subprocessos: fonologização (alterações no corpo fônico das palavras), morfologização (alterações que afetam o radical e os afixos) e sintaticização (alterações que afetam os arranjos sintagmático e sentencial). Esses subprocessos ocorrem simultaneamente, sem uma hierarquia de precedência entre eles. Entretanto, observa-se um ritmo unidirecional no tratamento das palavras no interior de cada um desses subprocessos. Acredito que a ação do dispositivo sociocognitivo mencionado em (6), uma vez mais detalhado e melhor entendido, fornecerá as bases teóricas para o entendimento da gramaticalização, da regramaticalização e da desgramaticalização. O produto da gramaticalização são as estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas.

Dentre os subsistemas gramaticais, abordaremos o morfológico e o sintático. Por intermédio deles, poderemos verificar se o vocábulo *foda* mantém estrutura morfológica condizente com sua acepção substantiva inicial e quais flexões ele pode assumir. Além disso, poderemos verificar o comportamento sintático desse elemento, buscando compreender de que maneira ele tem se relacionado com outros elementos no interior da sentença.

Além da abordagem do sistema gramatical, analisaremos, também, o sistema Semântico. A partir dele, poderemos observar as características do vocábulo *foda* nos usos contemporâneos e verificar se ele passou por algum processo de mudança nesse sistema. Segundo Castilho (2010), esse é o sistema por meio do qual criamos os significados, operando com diversas estratégias. As categorias que organizam o campo semântico, segundo o autor, são: *dêixis e foricidade; referenciación; predication; verificación, conectivididade, inferência e pressuposición; metáfora e metonímia*. Dentre essas categorias semânticas, neste trabalho trataremos da categoria de predicação.

De acordo com Castilho (2010), a categoria de predicação tem forte relação com a categoria de movimento, pois há um movimento *fictício* dos traços semânticos predicadores quando estes saem de sua base e estendem para sua classe-escopo. Ou seja, na predicação um operador transfere novas propriedades para um termo que é tomado como seu escopo, “a predicação é, portanto, uma operação de transferência de traços semânticos que se movimentam pela sentença e pelo texto” (2010, p. 128). Segundo o autor, as predicações podem ser:

- de primeira ordem: o predicador toma por escopo uma expressão referencial;
- de segunda ordem: o predicador toma por escopo uma expressão predicadora, ou seja, predica-se um predicado;
- de terceira ordem: toma por escopo uma sentença. Também denominada hiperpredicação.

De acordo com Castilho (2010), por meio do processo de predicação o predicador pode transferir ao seu escopo papéis temáticos, casos gramaticais e propriedades lexicais. Essa atuação do predicador sobre seu escopo pode ocorrer por meio de três tipos de mecanismos de predicação: predicação por quantificação; predicação por qualificação; e predicação por modalização.

Independente da postura teórica adotada, os estudos funcionalistas têm contribuído consideravelmente para ampliar nossa concepção da língua em uso. Para este trabalho, no entanto, opta-se pela concepção multissistêmica da língua, pois ela permite que os processos de descrição linguística sejam analisados a partir dos diferentes sistemas linguísticos.

No que diz respeito aos estudos desenvolvidos sob perspectiva multissistêmica no Brasil, eles têm envolvido temas diversos. Como exemplo, podemos citar: o trabalho de Castilho (2006), no qual o autor trata das preposições do eixo transversal no português brasileiro; o trabalho de Rocha e Damasceno (2015), no qual as autoras abordam as construções apositivas no gênero artigo de opinião; o trabalho de Castilho e Fernandes (2012) sobre o verbo *ficar* no português paulista; a tese de Lopes (2017) cujo título é “A semanticização do elemento *em*: dados do português paulista dos séculos XVIII e XIX segundo a abordagem multissistêmica e a linguística cognitiva”; e o trabalho de Souza, Manhães e Carmo (2018), no qual os autores abordam o verbo *ver* em produções orais e escritas do norte e noroeste fluminense; além de muitos outros.

Dentre os estudos multissistêmicos, não foram encontrados trabalhos envolvendo o vocábulo *foda*. Sendo assim, este trabalho se propõe a apresentar considerações acerca de uma análise do *palavrão foda* em usos contemporâneos vinculados em comentários escritos feitos em vídeos na internet, buscando compreender as características linguísticas por ele assumida em situações reais de uso.

### **Corpus de Análise**

Para atingir os objetivos propostos neste trabalho, nossa opção é pela realização de uma pesquisa quantitativa e qualitativa. Desse modo, inicialmente, partimos da composição do *corpus*, o qual foi constituído por comentários retirados do Youtube. Como o objetivo era encontrar usos da palavra *foda* nos comentários, selecionamos os canais Yoda SL, Tecnosh e Netenho Cavalcante.

O canal Yoda SL é comandado pelo jovem Felipe Piller Noronha, cujo apelido é Yoda, jogador profissional de League of Legends (LOL). Em seu canal, que conta com

mais de um milhão de inscritos, são postados *streams*, transmissões ao vivo do jogo. O canal Tecnosh é comandado pelo jovem Joseph “Tecnosh” Touma, considerado um dos melhores jogadores de PlayerUnknown’s Battlegrounds (PUBG). Esse canal conta com mais um milhão e meio de inscritos, e seus vídeos são *streams* do jogo PUBG. Do mesmo modo que o canal Tecnosh, o canal Netenho Cavalcante também publica *streams* do jogo PUBG. Esse canal tem como responsável o jovem José de Araújo Cavalcante Neto, o Netenho, e conta com mais de meio milhão de inscritos. Além dos vídeos no YouTube, o jovem também tem muitas postagens de *lives* no Facebook.

A escolha por esses canais se deuporque eles são assistidos majoritariamente por um público jovem e têm como temática jogos *on-line*. Neles, os espectadores, normalmente, acompanham o desenrolar de uma partida dos jogos em questão. Como os donos desses canais têm ampla experiência nos jogos sobre os quais fazem *streams*, outros jogadores gostam de acompanhar as partidas e de manifestar suas opiniões/avaliações em relação aos pontos positivos e negativos do desempenho do dono do canal. Diante disso, tínhamos a expectativa de encontrar um número relevante de ocorrências do nosso objeto de análise, uma vez que essas avaliações e a não necessidade de formalidade nos comentários podem contribuir para o uso de palavras como *foda*.

Para seleção dos comentários, escolhemos 3 vídeos de cada canal, todos publicados nos meses de maio ou junho de 2019. Após assistir aos vídeos, fizemos a leitura dos comentários e selecionamos todos os comentários com ocorrência da palavra *foda*, considerando, também, variações como *fodástico* e *fodasticamente*. Nesse processo de seleção, copiamos apenas os comentários, apagando a identificação de quem os escreveu.

Após o processo de seleção, foram elencados 103 comentários: nos vídeos do canal Yoda SL, foram identificados 38 comentários; nos vídeos do canal Tecnosh, foram identificados 29 comentários; nos vídeos do canal Netenho Cavalcante, foram identificados 36 comentários. Todos esses comentários foram identificados pela inicial C e ordenados em sequência numérica: C1, C2, C3, C4. Finalizada a constituição do *corpus*, foram quantificadas 107 ocorrências da palavra *foda*, pois houve situações em que um comentário possuía duas ocorrências.

No que diz respeito à análise multissistêmica, neste trabalho, nossas análises dizem respeito ao sistema da Gramática, com ênfase no subsistema morfológico e no subsistema sintático, e ao sistema Semântico. Desse modo, após a quantificação e organização, os comentários foram analisados, primeiramente, no que diz respeito à classe de palavra a que pertencem. Posteriormente, foram analisadas suas relações no interior da sentença, e, finalmente, foram analisadas suas funções semânticas.

## O vocábulo *foda* em comentários de vídeos no youtube

### Aspectos morfológicos

Em sua acepção que lhe rende o enquadramento como um termo chulo, o vocábulo *foda* é classificado como um substantivo que faz referência, de forma informal, ao ato sexual. Em nosso *corpus*, entretanto, das 107 ocorrências coletadas, identificamos 106 ocorrências dessa palavra e de palavras dela derivadas funcionando como adjetivo e 1 funcionando como advérbio, conforme demonstra a tabela a seguir:

**Tabela 1**- classificação do termo *foda* e de suas palavras derivadas segundo a classe de palavras a que pertencem

| Classe de palavras | Quantidade |
|--------------------|------------|
| Adjetivos          | 106        |
| Advérbio           | 01         |
| Total              | 107        |

Os exemplos a seguir são ocorrências de *foda* e sua correspondência com as classes de palavras.

**C11:** Esse jogo é muito *foda*, quem concorda da like!!! (adjetivo)

**C40:** Neto é tão *foda* que o cara pensou que era racker. Kkkkk (adjetivo)

**C36:** Cara o lançamento desse jogo foi fodasticamente *foda*. (advérbio)

Conforme se observa na tabela 1, foi identificada uma única ocorrência em nossos comentários de uma derivação da palavra *foda* funcionando como advérbio. No comentário C36, “Cara o lançamento desse jogo foi fodasticamente *foda*”, há a ocorrência de *foda* como adjetivo, mas há também a ocorrência da palavra *fodasticamente*. Essa palavra foi enquadrada por nós, morfologicamente, como um advérbio, formado pelo adjetivo *fodástico* + o sufixo *-mente*.

No que diz respeito às ocorrências identificadas como adjetivos, destaca-se que, do ponto de vista gramatical, os substantivos e os adjetivos são denominados *nomes* e possuem proximidades morfológicas e sintáticas, como a semelhança nos processos de flexão de gênero e de número e nas vogais temáticas. Sendo assim, é preciso encontrar outros critérios para distingui-los. Castilho (2010) apresenta as seguintes diferenças morfológicas entre essas duas classes:

- a) O adjetivo aceita alteração para indicação do grau, expressa por sufixos ou por especificadores e complementadores;
- b) Podem ser criados adjetivos por derivação de modo por meio do sufixo *-vel*: *amável*.
- c) Os adjetivos aceitam o sufixo *-mente*, transformando-se em advérbios de modo: *triste* – *tristemente*;
- d) Os adjetivos aceitam a derivação de quantificação expressa por *-oso* e *-al*: *estudioso* e *sensacional*.

A partir dessas características, observou-se, do ponto de vista morfológico, que o vocábulo *foda* não apresenta flexão de gênero, sendo o “a” a vogal temática dessa palavra. Assim, independente do termo por ele predicado, não há mudança de gênero do adjetivo, o que o classifica como uniforme, conforme se observa nos comentários que seguem:

**C76:** *Essa edição* ta muito *foda* mano.

**C7:** Mano **esse cara** é muito *foda* velho ♥/

Em relação à flexão de número, houve apenas duas ocorrências do vocábulo *foda* relacionado a um termo plural. No comentário C74, o vocábulo *fodas* sofre flexão de número para estabelecer concordância com o pronome (*elas*), o qual está funcionando como anafórico de *as music*. Em C31, por outro lado, apesar do substantivo *cara* estar acompanhado por determinante plural (*esses*), o vocábulo *foda* não sofre flexão de número para estabelecer concordância com esses elementos. Observa-se que esse exemplo possa levar à discussão sobre a desconstrução da marcação redundante do plural em língua portuguesa, mas, a esse respeito, nossos dados são limitantes para que algo possa ser constatado.

**C74:** Na Humilda Vídeo Raiz Do Yoda Tinha Music Nas Descrição Pow Bronziocre Manda As Music Juntoooo Pq **Elas** Saooo *Fodas*.

**C31:** **Esses cara** é *foda* só joga de hack.

Em relação ao processo de formação de grau do adjetivo, houve 24 ocorrências de formação de grau com a presença de especificadores que, nos comentários que seguem, são exemplificados pelos advérbios graduadores *mais* e *muito*:

**C82:** Um vídeo **mais foda** que o outro pqppppp.

**C79:** Yoda e **muito foda** busco inspiraça nele!

No que diz respeito ao processo de formação de grau por meio do uso de sufixos, houve apenas uma ocorrência, conforme consta em C48:

**C48:** Esse jogo é *fodastico* d+ .

Na formação desse superlativo absoluto, há a junção das palavras *foda* e *fantástico*. Assim, consideramos que essa palavra seja uma *palavra-valise*, ou seja, constituída por elementos de duas palavras, mas sendo a parte inicial de uma e a parte final de outra. Do ponto de vista semântico, esse superlativo será equivalente a dizer que o jogo é “muito foda”.

Além dos aspectos gramaticais anteriormente considerados, nossa análise se propõe também a analisar os aspectos sintáticos de *foda*. As considerações acerca desses aspectos sintáticos estão no próximo tópico.

### Aspectos sintáticos

Do ponto de vista sintático, Quirk *et al.* (1985, p. 402-403) definem 4 critérios<sup>2</sup> para caracterizar os adjetivos, são eles:

- a) Eles podem ocorrer livremente em função atributiva e podem modificar um nome, aparecendo entre o determinante (inclusive artigo zero) e a introdução da frase nominal;
- b) Eles podem ocorrer em função predicativa, funcionando como complemento do sujeito ou do objeto;
- c) Eles podem ser pré-modificados pelo intensificador *muito*;

Podem assumir formas comparativas e superlativas.

Em nossa análise, as características sintáticas **b**, **c** e **d** foram muito relevantes na classificação dos vocábulos *foda* identificados. Para demonstrar isso, retomamos o comentário C11.

---

<sup>2</sup> Tradução livre.

Texto original: (a) They can freely occur in ATTRIBUTIVE function (cf 7.20), *ie* they can premodify a noun, appearing between the determiner (including zero article) and the head of a noun phrase.

(b) They can freely occur in PREDICATIVE function (cf 7.20), *ie* they can function as subject complement, or as object complement.

(c) They can be premodified by the intensifier very (cf 7.56).

(d) They can take COMPARATIVE and SUPERLATATIVE forms (cf 7.75).

**C11:** Esse jogo é muito *foda*, quem concorda da like!!!

Nesse comentário, a palavra *foda*: (i) está em função predicativa do sujeito *jogo*; (ii) está sendo modificada pelo intensificador *muito*; (iii) ao lado do advérbio *muito*, está constituindo um superlativo analítico. Ou seja, é um adjetivo em sua forma mais prototípica. Do mesmo modo que em C11, em C40 *foda* também é caracterizado como adjetivo.

**C40:** Neto é tão *foda* que o cara pensou que era racker. Kkkkk

Em C40, *foda* ocupa posição predicativa, mas, por fazer parte de uma sentença correlata consecutiva, a troca do intensificador *tão* pelo intensificador *muito* não mantém a equivalência semântica. Além disso, a aplicabilidade da forma superlativa só é possível, de forma a respeitar a manutenção da estrutura correlata consecutiva, com o uso da forma *fodástico*, por exemplo em “Neto é tão *fodástico* que o cara pensou que era racker. Kkkk.”

Além dos aspectos supracitados, observamos, também, que, em nosso *corpus*, não houve ocorrências de *foda* em posição anteposta ao substantivo. Todas as ocorrências estão em posição posposta, entendida como a posição mais prototípica de ocorrência dos adjetivos.

As considerações até aqui tecidas acerca da análise dos dados obtidos dizem respeito a aspectos do sistema gramatical, mais especificamente do subsistema morfológico e do subsistema sintático. Além delas, nosso trabalho também se propõe a tecer análises acerca das características de *foda* no sistema Semântico. Essas considerações estão a seguir.

### **Aspectos semânticos**

No que diz respeito às características semânticas de *foda*, Castilho (2010) propõe a existência de três propriedades para os adjetivos: adjetivos que são verificadores; adjetivos que são predicativos e adjetivos que são dêiticos. Dentre esses três, os adjetivos predicativos são aqueles que interessam à nossa análise, ou seja, aqueles que modificam os substantivos que acompanham, pois consideramos que *foda* atribui traços semânticos aos substantivos aos quais predica. Dentre os adjetivos predicativos, estão os qualificadores, os quais, segundo Neves (2000), podem expressar avaliação psicológica, exprimindo propriedades que o falante define para o substantivo. Essa avaliação pode dizer respeito ao falante ou à coisa nomeada pelo falante e, segundo a autora, pode ser:

- de propriedades intencionais (exprime propriedades que descrevem o substantivo):
- de termos linguísticos (são epilinguísticos, pois predicam o próprio substantivo empregado).

A partir das propostas de Neves (2000) e Castilho (2010), entendemos que o adjetivo *foda* tem propriedades semânticas predicativas, pois altera o substantivo qualificando-o a partir de uma avaliação do falante. Essa avaliação, por sua vez, tem propriedades intencionais, que podem atribuir uma característica positiva (adjetivos eufóricos), uma característica negativa (adjetivos disfóricos) ou uma neutralidade.

Em relação à avaliação semântica proposta pelo adjetivo *foda*, a partir do contexto de análise, verificou-se que ele caracteriza o elemento a que faz referência de forma positiva, negativa ou neutra. Na tabela que segue, estão os dados sobre os valores semânticos de *foda* no *corpus* analisado.

**Tabela 2:** valores semânticos de *foda* como adjetivo

| Valor semântico | Ocorrências |
|-----------------|-------------|
| Positivo        | 90          |
| Negativo        | 15          |
| Neutro          | 1           |

Nos exemplos que seguem, é possível identificar esses valores.

**C7:** Mano esse cara é muito *foda* velho ❤/

**C53:** Mano namoral eu to amando as adições do bronziocre nmrl o cara é *foda*.

**C13:** tec vc é *foodaa* faz mais videos desse jogo top.

Os comentários C7, C53 e C13 são exemplos da funcionalidade do adjetivo *foda* com valor positivo, pois essa palavra está configurando como parte de um elogio. Em C7, *foda* está predicando o substantivo *cara*, atribuindo a ele uma avaliação positiva, a qual é reforçada pela colocação de um coração ao final do comentário. No comentário C53, do mesmo modo, *foda* está predicando o substantivo *cara*, também atribuindo a ele característica positiva, reforçada pelo verbo *amar*, o qual está na sentença anterior e realça a valoração positiva do falante quanto a uma ação do substantivo avaliado. Em C13, *foda* está caracterizando o pronome *você*, representado graficamente pela abreviação *vc*. Essa avaliação positiva é reforçada pelo pedido de mais vídeos em seguida ao elogio.

Os comentários C51, C52 e C8, por outro lado, são exemplos de um valor negativo do adjetivo *foda*. Em C51, *foda* pode ser entendido como sinônimo de ruim, ou seja, ter que aturar os “moleques” morando na casa é ruim, não é bom. Em C51, também identificamos valor negativo, pois *foda* tem valor semelhante a *difícil*, isto é, está difícil a *cassioloira* (apelido de um jogador) passar de fase e fazer parte do circuitão. Em C88, do mesmo que em C51, o valor é negativo, pois *foda* pode ser substituído por ruim, ou seja, a publicação de apenas um vídeo por mês não está bom, está ruim.

**C51:** com todo esse dinheiro, ter que aturar esses mlk morando na casa é *foda*.

**C52:** Eu quero é ver essa cassioloira no circuitao, mas tá *foda*\_ela passar kkkk

**C88:** Um vídeo por mês ta *foda!* Bora trabalhar Crlh!!!

Para análise do valor semântico dos comentários foi necessário levar em consideração todo seu contexto de produção, ou seja, nos vídeos selecionados, os donos dos canais estão jogando partidas on-line de seus jogos. Devido à grande experiência que têm com o jogo, as partidas mostram, com frequência, o sucesso desses jogadores. Conforme eles vão ganhando e apresentando bons resultados no jogo, os comentários refletem esse sucesso. Quando encontram alguma dificuldade, ela também tem reflexo nos comentários. Desse modo, considerando que, nos vídeos de que retiramos os comentários, os jogadores estão no meio de partidas de seus jogos favoritos e entendendo que a emoção de conquistar pontos, vitórias torna o vídeo empolgante para quem o assiste e para quem está jogando, os comentários que analisamos refletem as avaliações dos espectadores no que diz respeito ao desempenho desses jogadores. Essas avaliações, como vimos anteriormente, podem ter valores positivos, negativos ou neutros. Em nossas análises, identificamos apenas um exemplo ao qual atribuímos valor semântico neutro.

**C35:** Tec foi *fodaa* vc conseguir essa skin ou nem?

Em C35, *foda* possui valor semelhante a *difícil*, mas não está caracterizando algo com valor negativo. Esse valor neutro talvez tenha sido favorecido por se tratar de um questionamento, e não de uma afirmação. Nesse exemplo, observa-se que o adjetivo tem uma relação de avaliação sobre uma sentença, pois *foda* está relacionado a “conseguir a skin”; tomando como escopo não apenas o substantivo, mas o verbo *conseguir*.

Além dos valores semânticos de *foda* como adjetivo, vale ressaltar o valor assumido por *fodasticamente* em C36.

**C36:** Cara o lançamento desse jogo foi *fodasticamente foda*.

Nessa única ocorrência de uma palavra derivada de *foda* funcionando como advérbio, entendemos que o valor semântico por ela assumido seja de advérbio de modo, pois indica de que modo o jogo foi *foda*.

Apesar da breve análise, nossos resultados demonstram importantes características de um *palavrão* bastante utilizado pelos falantes brasileiros, apontando que há mudanças ocorrendo nos usos dessa palavra. Essas mudanças demonstram que *foda* tem sido utilizado como adjetivo uniforme, predicador qualificador de substantivos ou até sentenças, servindo como expressão da avaliação do falante sobre o item predicado.

Destacamos que este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo e que essas são breves considerações, com resultados ainda incipientes quanto à situação das palavras consideradas palavrões na sociedade brasileira. Esses resultados, no entanto, são relevantes à medida que demonstram mudanças nos usos de *foda*, pois ele passa a assumir valores semânticos e características gramaticais que o diferenciam de sua acepção inicial de substantivo. Ressalta-se, porém, que, apesar de não haver ocorrência em nosso *corpus*, *foda* ainda é utilizado como substantivo que remete ao ato sexual. Ressalta-se, também, que, mesmo assumindo outras funções gramaticais, *foda* ainda permanece como um tabu linguístico, pois seu uso ainda é fruto de restrições na contemporaneidade.

### **Considerações Finais**

As considerações feitas neste trabalho abordaram o vocábulo *foda* com o objetivo de verificar se, nos usos contemporâneos, ele ainda se mantém apenas como um *palavrão*, pertencente à classe dos substantivos e cujo valor semântico diz respeito ao ato sexual. Sendo assim, a partir de uma perspectiva funcionalista multissistêmica da língua, analisamos *foda* nos sistemas semântico e gramatical, mais especificamente nos subsistemas morfológico e sintático, a partir de usos feitos em comentários escritos obtidos na internet.

A partir da análise realizada, é possível verificar que o vocábulo *foda* já sofreu mudanças em seus valores gramaticais, pois, apesar de surgir como substantivo, na contemporaneidade está sendo, também, utilizado como adjetivo. Em relação aos aspectos morfológicos, esse adjetivo é caracterizado como uniforme, pois não flexiona para indicar gênero e pode ou não sofrer marcação do plural para concordar com substantivo plural.

No que diz respeito aos aspectos sintáticos, verificou-se que *foda*, como adjetivo, tem ocorrido em função predicativa, pode ser intensificado e pode assumir a forma superlativa. Além disso, em sua posição na sentença, verificamos que ele tem ocorrido predominantemente em posição posposta ao substantivo. Ademais, do ponto de vista semântico, nossas análises demonstraram que *foda* é um adjetivo que pode pregar valores neutros, positivos ou negativos para o termo ao qual se relaciona.

Diante das considerações tecidas neste trabalho sobre os palavrões, entendemos, a partir de nossos resultados, que *foda* tem sido utilizado para expressar avaliação do falante, expressando indignação, felicidade, descontentamento, entre outros, algo que pode ser ampliado a partir de uma análise discursiva. Embora expresse essas avaliações, compreendemos que *foda* não mantém mais apenas a acepção relacionada ao ato sexual. Seu enquadramento como *palavrão* e como tabu permanece na contemporaneidade, mas novos valores gramaticais e semânticos passam a ser atribuídos a ele. Sendo assim, esses resultados motivam a continuidade de nossa pesquisa e ampliam, ainda mais, nossa percepção e atenção para a funcionalidade dos elementos na língua em uso.

## Referências

- AUGRAS, M. *O que é tabu*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BECHARA, E. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRINTON, L.; Traugott, E. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- CASTILHO, A. T. de. Proposta funcionalista de mudança linguística. Lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização das preposições do eixo transversal no Português Brasileiro. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (Orgs.) *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: EDUFBA, 2006, p. 223-296.
- CASTILHO, A. T. de. Análise multissistêmica das preposições do eixo transversal no português brasileiro: espaço /anterior/~/posterior. In: RAMOS, J; ALCKMIM, M. (Orgs.). *Para a história do português brasileiro*, vol. V: Estudos sobre mudança linguística e história social. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. p. 53-132.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CASTILHO, A. T. de. Mudança Linguística Multissistêmica, p. 505-518, 2010a. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_510.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_510.pdf). Acesso em 25 de Abril de 2019.

CASTILHO, A. T. de; FERNANDES, F. O. Analisando multissistemicamente o verbo ficar na história do português paulista. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 2, n. 41, 2012. p. 602-615.

FREUD, S. Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos. In: FREUD, S. *Totem e Tabu - Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1913)*. Tradução de Paulo Cézar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.) *Manual de Linguística*, 2. edição, São Paulo: Contexto, 2012.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

GUÉRIOS, M. *Tabus Linguísticos*. Curitiba: Editora “Organização Simões”, 1956.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LOPES, G. A. *A semanticização do elemento em: dados do português paulista dos séculos XVIII e XIX segundo a abordagem multissistêmica e a linguística cognitiva*. Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Clássicas Vernáculas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, M. H. de M. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. *Annual Review of Anthropology*, n. 43, 1984. p. 97-117.

QUIRK, R. et al. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London: Longmam, 1985.

RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.

ROCHA, L. H. P.; DAMASCENO, G. L. N. *Análise multissistêmica das construções apositivas em artigos de opinião*. (Con)textos Linguísticos, v. 09, 2015. p. 124-148.

SOUTO MAIOR, M. *Dicionário do palavrão*. 1ª ed. São Paulo: Leitura, 2010.

SOUZA, R. Q. G.; MANHÃES, E. K.; CARMO, G. T. do. Uma análise multissistêmica do verbo ‘ver’ em produções orais e escritas do norte e noroeste fluminense. *Linkscienceplace*, v. 5, 2018. p. 114-129.



Data de submissão: 15/12/2019

Data de aceite: 20/05/2020